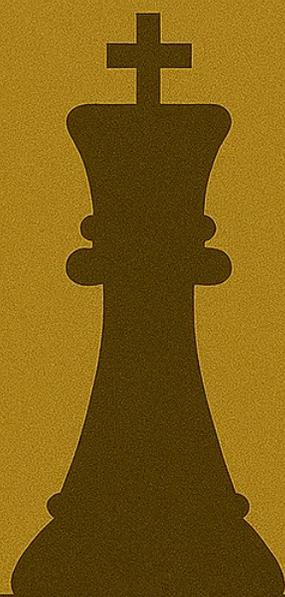


OS DONOS DO REGIME



ANATOMIA DE UMA
PARTIDOCRACIA
EM DECOMPOSIÇÃO

Autor: Francisco Gonçalves

Data: Maio de 2025

Sobre o Livro

Este livro é um retrato cru e satírico da decadência do sistema político-partidário português. Analisando as suas estruturas, vícios e mecanismos de perpetuação, expõe com lucidez e ironia os modos como a inteligência nacional foi excluída e como a cidadania foi domesticada. É também um apelo à transformação profunda e à construção de uma democracia viva, participada e autêntica.

Sobre o Autor

Francisco Gonçalves é programador informático, pensador inconformado e cidadão atento às falhas estruturais da sociedade portuguesa. Com décadas de experiência profissional e cívica, alia o rigor técnico à crítica social, criando obras que unem análise política, sátira e propostas de futuro. Tem publicado diversos textos no blogue Fragmentos do Caos, onde desafia o status quo com coragem e clareza.

Índice

1. Capítulo 1 – O Sistema Imunizado contra a Mudança
2. Capítulo 2 – A Escola da Obediência e o Currículo da Passividade
3. Capítulo 3 – Da Juventude Partidária à Cadeira Dourada
4. Capítulo 4 – As Máquinas de Captura e o Negócio da Representação
5. Capítulo 5 – A Arte de Excluir os Inteligentes
6. Capítulo 6 – As Eleições Como Simulação de Liberdade
7. Capítulo 7 – O Estado de Putrefacção Partidária
8. Capítulo 8 – E Depois do Regime? Visões para um País Libertado
9. Epílogo – Quando a Cidadania Acordar

Capítulo 1 – O Sistema Imunizado contra a Mudança

Portugal tem um sistema político aparentemente democrático, mas com um sistema imunitário semelhante ao de um corpo que rejeita qualquer tentativa de cura.

Durante meio século, os partidos transformaram-se em estruturas defensivas, protegendo-se não apenas contra adversários externos, mas contra qualquer tentativa interna de renovação ou pensamento original.

O Poder dos Aparelhos

A Constituição de 1976, embora tenha criado as bases formais da democracia, deixou os partidos como intermediários obrigatórios da vontade popular. A lei dos partidos e o sistema eleitoral (sobretudo o método de Hondt com círculos distritais) criou uma realidade onde a escolha dos eleitores está profundamente condicionada pelas cúpulas partidárias.

A consequência: os partidos passaram a escolher os eleitores — e não o contrário.

Ao longo das décadas, criaram-se aparelhos complexos, compostos por redes clientelares, juventudes formatadas e estruturas locais de fidelidade quase feudal. Um jovem brilhante, sem padrinhos, tem a mesma hipótese de subir num partido que um poeta tem de vencer um reality show.

Exemplo: o Silêncio dos Pensadores

Portugal não é pobre em inteligência política — apenas exilou a sua inteligência para fora do sistema. Figuras como Henrique Neto, Paulo Morais, Boaventura Sousa Santos ou tantos outros foram sistematicamente afastados, ignorados ou desacreditados. Preferiram-se os gestores do status quo, os teleguiados de confiança, os recicladores de palavras.

A Cultura da Imunidade

Um partido típico tem os seus anticorpos muito bem treinados:

- - Contra ideias disruptivas: "isso não é exequível"
- - Contra independentes: "precisamos de gente comprometida com o partido"
- - Contra autocrítica: "isso dá armas à oposição"

- - Contra reformas reais: "isso prejudica os nossos autarcas"

O sistema não tolera oxigénio. Vive em atmosfera controlada.

Sátira: Manual Interno de Autodefesa Partidária (Confidencial)

1. Se alguém apresentar uma ideia nova, responda: "isso já foi tentado e não resultou".
2. Se insistir, diga: "não é o momento político adequado".
3. Se persistir, recorde-lhe que "é preciso respeitar as instâncias internas".
4. E se ainda assim não desistir, afaste-o com um convite elegante: uma assessoria num cargo sem relevância.

Conclusão

O sistema político português blindou-se contra a inteligência, contra a crítica interna e contra o futuro. Está tão empenhado em manter-se vivo que já esqueceu para que nasceu.

Mas há sinais de exaustão. A abstenção cresce. O povo murmura. A máscara começa a cair. E, quando a couraça cair, os anticorpos já não terão força para parar a cidadania lúcida que renasce.

Este é o primeiro capítulo do fim — ou do recomeço.

Capítulo 2 – A Escola da Obediência e o Currículo da Passividade

O povo português não nasceu submisso. Foi educado para sê-lo.

Durante décadas, o sistema de ensino em Portugal moldou-se como uma fábrica de obediência: salas ordenadas, manuais fechados, exames padronizados e pensamentos contidos. O resultado? Gerações inteiras de cidadãos treinados para o cumprimento — mas não para a crítica.

Da Cartilha ao Silêncio

A educação pós-25 de Abril prometeu liberdade de pensamento, mas foi rapidamente colonizada pelo novo dogma da estabilidade institucional. A criatividade foi domesticada, a reflexão crítica substituída por grelhas curriculares, e a escola tornou-se espaço de formação de bons executantes.

- - Os alunos aprendem datas, mas não compreendem processos históricos.
- - Decoram fórmulas, mas não sabem aplicar conceitos à realidade.
- - Praticam cidadania de manual, mas não exercem cidadania real.

Tudo o que desvia da norma é penalizado. Questionar o professor ainda é visto como desrespeito. Propor uma leitura alternativa é tratado como irrelevante. Inconformismo? Só se for artístico. E mesmo aí... com moderação.

A Escola como Base da Partidocracia

Os partidos agradeceram. Um povo educado para obedecer é mais fácil de governar.

Menos greves, menos perguntas, menos exigência.

A escola tornou-se incubadora do respeitinho, onde o sucesso é definido pela adaptação, não pela transformação.

O aluno ideal? Cordato, rápido a copiar, exímio em testes de escolha múltipla e calado durante o recreio cívico.

Sátira: Manual Escolar de Cidadania Passiva (Edição Oficial)

10. 1. Nunca discutas política à mesa — nem na escola.
11. 2. Participação cívica é assistir à campanha e sorrir educadamente.
12. 3. Votar é importante, mas não penses demasiado: escolhe o partido do teu pai.
13. 4. Ser bom cidadão é pagar impostos em silêncio.
14. 5. Se tiveres dúvidas, espera que o governo te diga o que pensar.

A Educação que Liberta

Uma democracia forte não se constrói com súbditos obedientes. Constrói-se com cidadãos informados, exigentes, inconformados. Com gente que sabe perguntar e que não se contenta com o mínimo. Com professores que não têm medo de ensinar a pensar.

Reformar o sistema educativo não é apenas uma necessidade académica. É uma urgência política e ética. Porque a escola não serve para criar braços cruzados. Serve para acender cabeças.

Conclusão

Enquanto a escola continuar a formar executores ao invés de criadores, Portugal continuará a repetir erros antigos com rostos jovens.

Educar para o futuro é educar para o pensamento — não para a repetição.

E o país que se quer novo, começa sempre na sala de aula.

Capítulo 3 – Da Juventude Partidária à Cadeira Dourada

A política portuguesa não começa no voto. Começa muito antes, nas juventudes partidárias.

É aí que se aprende a arte da reverência, a ciência da fidelidade e o truque da sobrevivência institucional.

Mais do que escolas de formação política, as juventudes são fábricas de quadros obedientes — e filtros eficazes contra qualquer espírito livre.

A Juventude que Nunca Foi Rebelde

Enquanto noutros países os jovens ocupam praças, em Portugal ocupam cargos internos.

Em vez de protestar, promovem-se. Em vez de confrontar, adaptam-se.

- - São jovens, mas com alma de burocrata.
- - Falam de futuro, mas citam os estatutos.
- - Debatem entre si, mas com limite de tempo e sem ferir sensibilidades.

Ali se testam lealdades. Quem questiona desaparece discretamente. Quem aplaude no tempo certo, sobe.

O Percurso do Jovem Promissor

15. 1. Começa aos 17 anos numa distrital sem expressão.
16. 2. Aprende a saudar o presidente com entusiasmo ensaiado.
17. 3. Torna-se delegado, depois coordenador, depois secretário de alguma coisa.
18. 4. Publica frases motivacionais nas redes e repete palavras como 'proximidade', 'resiliência' e 'coesão territorial'.
19. 5. Recebe um lugar como assessor — geralmente na área da juventude.
20. 6. Se não fizer ondas, vai a votos. E se perder, é recompensado com uma nomeação qualquer.

Os Clubes de Carreira

Estas juventudes não servem o país. Servem o partido.

O país é apenas cenário, e a política, uma carreira. O compromisso não é com os cidadãos, mas com o futuro lugar na estrutura.

Ser jovem e idealista é perigoso. Ser jovem e disciplinado é promissor.

Por isso, nas direções partidárias, vemos rostos novos com ideias velhas — ou nem isso.

Sátira: Curso Rápido de Subida Interna (certificação automática)

Módulo 1 – Como concordar com tudo sem parecer servil.

Módulo 2 – Técnicas de elogio moderado ao líder (evitar exageros que assustam).

Módulo 3 – Ignorar dissidentes com sorriso institucional.

Módulo 4 – Redação de posts genéricos sobre democracia, inovação e família.

Módulo 5 – Ocupação estratégica de cargos não-eleitos com visibilidade.

Conclusão

A política jovem portuguesa não é irrelevante por falta de energia, mas por excesso de prudência.

Transformou-se num elevador social hermético, onde a prioridade é subir — não mudar.

Mas o futuro de Portugal não pode estar nas mãos de quem nunca confrontou nada, nunca arriscou nada, e nunca teve de pensar por si.

Uma nova geração política só surgirá quando a juventude ousar ser, de novo, verdadeiramente livre.

Capítulo 4 – As Máquinas de Captura e o Negócio da Representação

Portugal tem um Parlamento. Mas o verdadeiro poder não está nas cadeiras de veludo. Está nos bastidores — nas sedes partidárias, nas direções nacionais, nos conselhos de administração e nos escritórios discretos dos grandes grupos económicos.

A representação política, outrora ponte entre povo e Estado, foi capturada por máquinas que controlam tudo: desde quem sobe na hierarquia até o que se pode propor, dizer e aprovar.

Como Funciona a Captura

21. 1. O partido define a lista de candidatos. O eleitor só pode escolher entre os pré-selecionados.
22. 2. Os deputados obedecem à direção, e não ao eleitorado. O voto de consciência é uma relíquia em vias de extinção.
23. 3. As leis são desenhadas com 'contributos externos', frequentemente oriundos de interesses empresariais.
24. 4. As comissões parlamentares servem para fazer de conta que se investiga.

Quem verdadeiramente manda é quem financia, quem nomeia, quem gere a máquina — e quem a protege de escândalos maiores.

O Parlamento como Palco

A Assembleia da República tornou-se um espaço de teatro político.

As intervenções são feitas para as câmaras, os discursos são ensaiados, as divergências muitas vezes fictícias.

Debates que deviam moldar o rumo da nação servem para clipes de redes sociais e manchetes recicláveis.

As decisões reais? São tomadas em reuniões à porta fechada. Ou em almoços que não constam na agenda oficial.

Sátira: O Organigrama Invisível do Poder Real

- - Presidente do Partido: recebe relatórios antes dos ministros.
- - Gabinete de Assessoria: redige os discursos do grupo parlamentar (com aspas de Churchill).
- - Grupos Económicos: sugerem medidas fiscais 'inovadoras' e oportuna flexibilidade laboral.
- - Deputado comum: levanta o braço e carrega no botão quando mandam.

A Representação Trocada

Em vez de representantes do povo, temos mediadores dos interesses.

Os cidadãos são chamados a votar, mas nunca a decidir.

As associações cívicas são ignoradas. As petições dormem nos gavetões. As audições públicas são meros rituais.

Conclusão

A representação política foi vendida ao desbarato.

O Parlamento perdeu a soberania real. Os partidos, capturados pelas suas próprias máquinas, já não ouvem o país — apenas os seus financiadores e estrategas.

Recuperar a democracia implica romper com esta encenação. E devolver o poder a quem verdadeiramente o devia exercer: os cidadãos conscientes, ativos e livres.

Capítulo 5 – A Arte de Excluir os Inteligentes

Um dos segredos mais bem guardados da partidocracia portuguesa é a sua habilidade em excluir os inteligentes — com elegância, eficácia e, por vezes, com palmadinhas nas costas.

O sistema político não teme tanto os opositores como teme os pensadores. Porque quem pensa por si, não se deixa manipular. E quem não se deixa manipular, não serve para 'integrar a estrutura'.

A Inteligência como Ameaça

Num regime de controle, o brilho individual ofusca os que vivem da sombra.

A presença de pessoas criativas, analíticas, visionárias — aquelas que podiam renovar o país — é rapidamente vista como desequilibradora. Em vez de as aproveitar, o sistema repele-as.

- - Propõem ideias? São 'ingénuos'.
- - Expõem contradições? São 'radicais'.
- - Recusam bajular? São 'problemáticos'.
- - Têm currículo? São 'elitistas'.

E assim, a inteligência torna-se defeito, e a obediência, currículo.

O Clube dos Iguamente Medíocres

Os partidos criaram um sistema de recrutamento em que os membros devem ser previsíveis, maleáveis e, preferencialmente, dependentes.

Gente inteligente, com pensamento próprio, é imprevisível. Pode dizer algo inesperado. Pode agir com independência. Pode — Deus nos livre — questionar a linha oficial.

Resultado? Muitos dos melhores quadros do país nem sequer tentam entrar. E os poucos que entram... desistem.

Exemplo: Quando a Excelência é Ignorada

Paulo Morais. Henrique Neto. Maria João Avillez. E muitos outros que tentaram romper com a lógica da fidelidade cega foram simplesmente colocados de lado.

Alguns até receberam elogios públicos — desde que não ameaçassem o equilíbrio interno.

Sátira: Manual de Contenção da Inteligência (Edição Interna)

25. 1. Se for demasiado competente, dê-lhe uma tarefa sem meios.

26. 2. Se insistir em contribuir, coloque-o num grupo de trabalho sem função.
27. 3. Se ainda assim mostrar utilidade, elogie-o... mas nunca o promova.
28. 4. Se começar a brilhar, acuse-o de individualismo ou falta de espírito de equipa.

A Inteligência Não Morreu — Emigrou

O drama é que Portugal não perdeu os seus melhores. Apenas os empurrou para fora.

Muitos dos nossos mais capazes estão no estrangeiro, em ONG, universidades, empresas, onde o talento não é castigo.

Outros refugiaram-se na vida privada. Ou escreveram livros que quase ninguém leu. Mas continuaram a pensar — em liberdade.

Conclusão

A maior traição da democracia portuguesa foi não ter acolhido os seus melhores. Não foram os pobres que mais perderam com a decadência do regime — foram os inteligentes que poderiam tê-lo transformado.

Recuperar Portugal exige reabilitar a inteligência, a crítica e a coragem de pensar alto. Porque um país que repele os seus sábios está condenado a ser governado pelos seus servos.

Capítulo 6 – As Eleições Como Simulação de Liberdade

A democracia portuguesa orgulha-se de eleições regulares, urnas impecáveis e transmissões televisivas em direto. Mas a liberdade que se celebra a cada quatro anos não passa, muitas vezes, de uma simulação bem coreografada.

O povo vota. Mas escolhe realmente?

O Voto como Ritual

As eleições são tratadas como festas cívicas. Há cartazes, slogans, debates, jingles e comícios. Tudo parece vivo. Mas por trás do espetáculo está um processo altamente condicionado.

- - Os candidatos são escolhidos pelas direções partidárias.
- - As ideias são formatadas pelas agências de comunicação.
- - Os debates são negociados ao milímetro.
- - As campanhas são financiadas por quem depois cobra a fatura.

Os Partidos como Opções Repetidas

A maioria dos partidos instalados oferece versões do mesmo modelo: crescimento sem reforma, discurso sem ação, promessas recicladas.

A alternativa real desaparece. O discurso diferente é marginalizado. E o voto transforma-se numa escolha entre sabores da mesma substância política.

O cidadão sente que vota, mas não decide. Participa, mas não influencia. E começa a abster-se — não por desinteresse, mas por lucidez.

Sátira: O Catálogo Eleitoral (edição do costume)

29. 1. Produto A: centro-esquerda de plástico, com sabor a promessas sociais.
30. 2. Produto B: centro-direita com aroma de rigor, envelhecido em barricas de austeridade.
31. 3. Produto C: indignação de supermercado, com prazo de validade curto.
32. 4. Produto D: nostálgico com rótulo patriótico e data de fabrico incerta.

Todos servem o mesmo sistema. Nenhum muda a receita.

O Teatro da Representação

Mesmo os debates televisivos servem mais para marketing do que para confronto de ideias.

As perguntas são filtradas, as respostas ensaiadas, os moderadores condicionados.

Raramente se discute o sistema — apenas a gestão da sua aparência.

E assim, as eleições tornam-se simulacros de democracia, onde o voto legitima o regime, mas não o transforma.

Conclusão

A democracia não morre com tanques — morre com rotina.

Quando votar deixa de ser um ato de mudança e passa a ser um gesto de resignação, o regime já não é livre. Apenas parece.

Reinventar a democracia começa por denunciar esta encenação. E por devolver ao voto o poder de romper — e não apenas de validar o que está.

Capítulo 7 – O Estado de Putrefacção Partidária

A política portuguesa não está apenas doente — está em decomposição ativa.

Os sinais da putrefacção partidária já não se escondem sob discursos e slogans. São visíveis nas práticas, nos rostos repetidos, nas decisões absurdas e nas crises que se acumulam sem que nada mude.

O Sistema que Já Não se Sustenta

Há décadas que os mesmos nomes circulam, alternando cargos entre governos, parlamentos, câmaras e institutos públicos.

As ideias estagnaram. Os programas são reciclados. Os partidos vivem da gestão do tédio e do cálculo eleitoral.

Nada se reforma. Tudo se remenda.

A Falência Interna

- - Direções partidárias sem renovação real.
- - Militantes que participam apenas em congressos e jantares.
- - Quadros desmotivados, sem ideias e sem formação.
- - Jovens afastados ou absorvidos por estruturas inócuas.

A máquina partidária já não serve o país. Serve-se a si própria — e tenta manter a aparência enquanto apodrece por dentro.

Sátira: Receita Clássica de Um Partido em Decomposição

33. 1. Misture antigos líderes com jovens teleguiados.
34. 2. Adicione promessas de renovação que soem a mudança, mas mantenham tudo igual.
35. 3. Mexa em nomeações, mas mantenha os beneficiários.
36. 4. Sirva em intervalos eleitorais com cobertura mediática e cheiro a mofo institucional.

Quando o Sistema se Torna Caricatura

Temos ministros sem currículo, autarcas com processos, deputados que nunca falaram em plenário.

Temos comissões parlamentares que investigam... sem consequências.

Temos presidentes de câmara com décadas de 'obra feita' e clientelas fiéis, mesmo em ruínas.

A Imagem Pública: Entre o Cinismo e o Cansaço

O cidadão comum olha para os partidos como clubes de interesses.

A abstenção cresce. O voto em branco sobe. O protesto passa a sarcasmo, depois a indiferença.

A política já não é vocação — é gestão de sobrevivência dentro da estrutura.

Conclusão

A putrefacção partidária não é uma metáfora poética. É uma realidade concreta e documentável.

Portugal vive uma crise de representação, de legitimidade e de esperança.

Continuar a fingir que tudo está bem é colaborar com a decadência.

É tempo de varrer o mofo. De abrir janelas. De arejar o regime.

Porque nenhum país sobrevive eternamente à decomposição — sem antes apodrecer também o seu povo.

Capítulo 8 – E Depois do Regime? Visões para um País Libertado

Depois do apodrecimento, a renovação. Depois da mentira, a verdade crua. E depois do regime? Um país que ainda pode ser reinventado.

Este capítulo não é um lamento — é uma declaração de possibilidade. Porque Portugal, apesar da sua fadiga institucional, ainda tem nas suas gentes, saberes e raízes, a matéria-prima para uma nova democracia.

Começar do Cidadão

A refundação não virá de dentro dos partidos. Virá das praças, dos fóruns cívicos, das assembleias locais, das comunidades despertas.

- - Mandatos revogáveis por referendo local.
- - Democracia deliberativa em decisões estruturais.
- - Voto electrónico com auditoria popular.
- - Financiamento público auditado e igualitário das candidaturas.

É preciso deslocar o centro de gravidade do poder — dos directórios para os cidadãos.

Um Parlamento Real, Não de Fachada

Uma nova arquitetura política exige um Parlamento independente e diverso, com:

- - Candidaturas de cidadãos sem filiação partidária obrigatória.
- - Representação proporcional com círculos uninominais e nacionais.
- - Debate livre, sem disciplina de voto imposta.
- - Auditoria cívica permanente às votações e presenças.

O Parlamento deve ser um espelho da sociedade — e não o refúgio dos seus fantasmas.

A Nova Função Pública

Mais do que cortar ou manter funcionários, importa reconstruir o ethos público.

Formar gestores públicos com ética, independência e avaliação real.

Eliminar nomeações arbitrárias e instaurar concursos verdadeiros para cargos de chefia.

Sátira: Primeiras Medidas do Governo Pós-Regime (Edição Sonhada)

37. 1. Nomeação de um Ministério da Inteligência Nacional — sem ligações a partidos.
38. 2. Substituição de boys por algoritmos imparciais (com auditoria popular).
39. 3. Exame de literacia democrática obrigatório para candidatos a deputado.

40. 4. Fim da imunidade parlamentar: o povo é soberano, não cúmplice.

41. 5. Substituição do logótipo da República por uma lupa — símbolo da vigilância cidadã.

Uma Constituição Refeita com o Povo

Mais do que emendar artigos, é necessário reescrever as fundações.

- - Uma Constituição participada, discutida em assembleias populares.
- - Redigida com os olhos postos no futuro, não nas conveniências de 1976.
- - E validada por um referendo nacional claro e transparente.

Conclusão

O regime morreu. Só falta o povo dar-se conta.

O futuro não pode ser um prolongamento do presente: tem de ser uma rutura serena, mas profunda.

E quando essa rutura acontecer — quando Portugal for, de novo, dos portugueses — então deixaremos de falar em crise para começar a falar em criação.

Porque a política é demasiado séria para ser deixada nas mãos dos partidos — e demasiado vital para continuar sequestrada por estruturas podres.

Epílogo – Quando a Cidadania Acordar

Durante décadas, disseram-nos que este era o melhor dos mundos possíveis. Que a democracia estava consolidada. Que os partidos eram pilares da liberdade. Que as eleições garantiam representação.

E durante décadas, fomos adormecidos com discursos formais, slogans ociosos e promessas que envelheciam antes mesmo das urnas serem fechadas.

Mas há sinais de que a cidadania começa a despertar.

Não com revoluções súbitas. Mas com murmúrios de indignação lúcida. Com cidadãos que se recusam a votar no menos mau. Com jovens que não querem ser boys. Com idosos que não aceitam viver do pouco que o Estado lhes devolve.

Quando a cidadania acordar:

- - Os partidos deixarão de ser clubes fechados e voltarão a ser instrumentos transitórios.
- - A política voltará a ser serviço público e não profissão vitalícia.
- - A verdade deixará de ser ofensiva e passará a ser exigência mínima.
- - E a crítica deixará de ser vista como ameaça, passando a ser o motor da mudança.

O regime cairá — não com violência, mas com lucidez. Não com fogo, mas com luz.

E nesse dia, não será necessário gritar nas ruas. Bastará que o povo pense alto, com clareza, com coragem, com verdade.

Este livro foi escrito com essa esperança: a de que um dia, os que hoje leem em silêncio, falarão. E os que hoje hesitam, agirão.

Porque Portugal pode ser mais do que aquilo que os partidos fizeram dele.

Pode ser o país dos que ousam — e não dos que obedecem.



**OS PARTIDOS POLÍTICOS
TRANSFORMARAM-SE NAS
CORTES DO REGIME,
REPELINDO INTELIGÊNCIAS,
PERPETUANDO MEDIOCRIDES
E EXCLUINDO EFICIÊNCIAS,
ENTRARAM NA SENILIDADE
E NA DECADÊNCIA.
MAS ESTE LIVRO É UMA ARMA
DE REFORMA E RESISTÊNCIA.**

Augustus Veritas